**PARAÍSO, DE TONI MORRISON: UM PANORAMA DA RELIGIOSIDADE NEGRA
NORTE-AMERICANA**

**PARADISE, TONI MORRISON'S NOVEL: AN OVERVIEW OF THE NORTH-
AMERICAN BLACK RELIGIOSITY**

Luciana Duenha Dimitrov¹

RESUMO:

Em *Paraíso*, publicado em 1998, a consagrada escritora Toni Morrison delinea um romance completamente entrelaçado com a linguagem bíblica e com os costumes religiosos que permearam a sociedade negra interiorana norte-americana entre a década de 20 e meados da década de 80. Partindo da leitura crítica e analítica do romance, intertextual desde seu título, comprova-se a afirmativa de Mikhail Bakhtin que estabelece que a linguagem literária “(...) se torna plurilíngüe tratando-se não de uma linguagem, mas de um diálogo de linguagens”. Assim sendo, alicerçado em questões religiosas que variam desde citações bíblicas até regras de condutas intrinsecamente ligadas ao clero, o sétimo romance da ganhadora do prêmio Nobel se torna uma obra de intensa reflexão sobre aquela realidade que descreve, fruto da pulsante influência da religião em sua formação.

PALAVRAS-CHAVE: Toni Morrison, *Paraíso*, intertextualidade, religião

ABSTRACT:

Paradise, the seventh novel of the renowned writer Toni Morrison, first published in 1998, brings in all its extension a tapestry connection with the Biblical language and with the religious customs that permeated the black North-American countryside society between the 1920's and the early 1980's. By a critical and analytical reading of *Paradise*, intertextual from its title, Mikhail Bakhtin's assumption that the literary language “(...) becomes plurilingual as it is not a language, but a dialogue of languages” is assured. Therefore, based on religious issues that vary from Biblical quotations to manner rules deeply rooted to the clerical one, the Nobel Prize winner's novel becomes a masterpiece of intense reflection about what that reality described, a reality that rises from the pulsing influence of the religion in its formation.

KEY-WORDS: Toni Morrison, *Paradise*, intertextuality, religion

¹ Mestre em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, professora efetiva inglês da Rede Estadual de Ensino de São Paulo, professora de redação do Colégio Santa Amália, coordenadora pedagógica da Let's Idiomas (email: luciana.dimitrov@gmail.com)

A leitura do sétimo romance de Toni Morrison, publicado em 1998, revela um texto fortemente interdiscursivo e plurilíngüe. A ganhadora do prêmio Nobel de Literatura, mundialmente reconhecida por arquitetar romances que desvendam a cultura negra norte-americana, amplia seus horizontes em *Paraíso* abordando, além de questões raciais e culturais, aspectos religiosos intrinsecamente ligados à Bíblia e a sua interpretação.

Considerando-se a definição proposta pelo estudioso Mikhail Bakhtin, que “[e]m todos seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e intensa” (BAKHTIN, 1993, p.88), se assume a interdiscursividade com fator predominante entre textos. Em seus estudos, ele ainda estabelece que “tomado como um conjunto, [o romance se] caracteriza como um fenômeno pluriestilístico, plurilíngüe e plurivocal” (ibidem, p.73).

Reflexões sobre as assertivas do estudioso propiciam subentender que nenhum texto é criado sem ter sido inspirado em outro previamente apresentado, sendo sempre uma espécie de releitura de originais. Assim sendo, o romance em estudo não poderia estar isento de interferências de textos ou discursos constituídos em outros momentos.

Portanto a leitura analítica de *Paraíso* possibilita a constatação de que o romance é repleto de inspirações de fatos históricos, culturais e religiosos, sendo o último o enfoque principal do estudo aqui proposto.

Iniciando a análise no próprio título do romance já é possível notar sua vertente religiosa, uma vez que Biblicamente paraíso designa “(...) o céu onde os bons gozarão a eterna felicidade após a morte” (OBSTAT, 1995, p.108).

O paraíso vislumbrado no romance é Ruby - primeiramente batizada como New Haven - um local em que o povo “desde o começo (...) era livre e protegido (...) [em que] um ruído na rua nunca (...) assustaria porque, fosse qual fosse a causa do som, jamais seria algo ameaçador” (MORRISON, 2004, p.17). Os nomes da cidade simbolicamente podem estar relacionados à religião: Haven se traduz como ancoradouro, refúgio, e, em leitura amplificada, paraíso; já Ruby, o nome da cidade quando esta fora rebatizada significa rubi, uma pedra preciosa vermelha de imenso valor, sendo um elemento geralmente ligado à riqueza e à prosperidade.

Segundo o livro de Gênesis, “(...) o Senhor disse a Abrão: Sai da tua terra, e da tua parentela, e da casa de teu pai, e vem para a terra que eu te mostrarei. E eu te farei pai dum grande povo, e te abençoarei: eu farei célebre o teu nome, e tu serás bendito” (ALMEIDA, 1993,

Gn, 12, 1-2, p.12). E, assim como na Bíblia, os negros dos quais os fundadores descendiam migraram em busca de sua predestinação.

Em 1890, já estavam no país havia cento e vinte anos. Então, pegaram essa história, esses anos, pegaram a si próprios e ao seu valor incorruptível e partiram para a “Fuga”. Atravessaram a pé o Mississippi e a Louisiana até Oklahoma e chegaram ao local descrito em anúncios cuidadosamente guardados dentro de seus sapatos ou nas barras de seus chapéus (...) (MORRISON, 2007, p.215).

Sobrepondo as orientações recebidas por Abrão – que liderou seu povo rumo à terra que Deus lhe prometera – e a jornada realizada pelos escravos recém libertos que fundaram Haven, compreende-se que estes, assim como aqueles, buscavam uma terra que em algum momento lhes fora mostrada, uma “terra prometida”.

É necessário destacar que no romance, Ruby era uma extensão de Haven, uma cidade fundada por “(...) nove grandes famílias que haviam feito a viagem original, que haviam sido expulsas e rejeitadas em Fairly, Oklahoma, e que prosseguiram até [fundá-la]” (ibidem, p.219). Com a deterioração da cidade, “[e]m 1949, [os gêmeos convenceram] outros meninos da cidade a repetir o que os Velhos Patriarcas tinham feito em 1890 (...) [e] antes da primeira luz de meados de agosto, quinze famílias se mudaram de Haven, (...) mergulhando mais fundo em Oklahoma, o mais longe que podiam da humilhação que contaminava a cidade fundada por seus avós” (ibidem, p.26-7). Assim, ao peregrinar em busca de um local ideal para se estabelecer, um fato célebre apresentado no Livro Sagrado é revivido e a religiosidade do romance reiterada.

É interessante ressaltar que aqueles habitantes tão intensamente religiosos acreditavam na divindade de seu fundador Zechariah Morgan, proclamador das seguintes palavras ao conduzir o povo àquela terra que seria batizada Haven:

Os dois viram o homem ao mesmo tempo. (...) Juntos, viram o homem se afastando na direção da parte mais pálida do céu. Ele uma vez se deteve, virou-se e olhou para os dois, mas não conseguiram distinguir os traços de seu rosto.

[...]

Ele está entre nós (...). Ele nos mostra o caminho.

[...]

Este é o tempo de Deus (...). Ninguém pode começar e ninguém pode terminar. E mais uma coisa: Ele não vai fazer o trabalho de ninguém; portanto, andem com vontade (ibidem, p.116).

Ao afirmar com convicção a presença de Deus entre eles, o líder de Haven planta sementes da religião naqueles que se estruturariam como o povo da cidade. O próprio nome do líder pode ser associado ao profeta Bíblico Zacarias, a quem o Senhor anunciou: “[h]abitarão

nela, e já não haverá maldição, e Jerusalém habitará segura.” (ALMEIDA, 1993, Zc 14:11, p.628).

O trecho em que o profeta é orientado a habitar uma terra converge com a peregrinação liderada pelo notório membro da família Morgan, que afirma que “Ele nos mostra o caminho”.

No entanto, na própria narrativa a origem do prenome daquele homem, outrora chamado Coffee, é contestada:

Ele se rebatizou. Coffee era seu nome de batismo, provavelmente uma corruptela de Kofi. E uma vez que na Louisiana não há família Morgan, e em Haven ninguém tinha trabalhado para nenhum branco chamado Morgan, ele deve ter escolhido seu sobrenome, assim como o prenome, em alguma coisa ou lugar que gostava. Zacarias, pai de João Batista? Ou Zechariah que tinha visões? Aquele que via rolos escritos com maldições e mulheres dentro de cestos; aquele que viu as roupas sujas de Josué se transformarem em roupas ricas; aquele que viu o resultado da desobediência (MORRISON, 2004, p.222-3).

Sendo a inspiração do nome oriunda daquele que lidera o povo – “Ele nos mostra o caminho” - ou daquele que tem visões – “[o]s dois viram o homem ao mesmo tempo” – a relação do nome com trechos Bíblicos que ilustram os episódios narrados no romance fica evidente, reforçando-se, então, o interdiscurso Bíblico aqui estudado.

Aquela “gente negro-azulada, alta e graciosa, cujos olhos grandes e claros não davam o menor sinal do que sentiam de fato por aqueles que não eram R-8 [um nível muito, muito profundo das minas de carvão] como eles” (ibidem, p.224), eram extremamente tradicionalistas; além de acreditarem fazer parte de uma comunidade perfeitamente harmoniosa, cuja harmonia seria mantida sob quaisquer adversidades.

Desde o começo, quando a cidade foi fundada, sabiam que o isolamento não ia garantir segurança. Era preciso homens fortes e determinados quando estranhos perdidos ou sem rumo fizessem mais que passar direto com o carro, sem nem olhar uma cidadezinha sonolenta com três igrejas a um quilômetro uma da outra, e nada de útil para um viajante (...) (ibidem, p.22).

Para manter a harmonia que vislumbravam os “espertos, fortes e loucos para trabalhar em sua própria terra” (ibidem, p.23) julgavam atitudes e, ao condenar aqueles a quem se opunham àquela ordem crida como imutável, cometiam atrocidades inaceitáveis tanto moral, como legal e religiosamente: “com Deus a seu lado, os homens fizeram a mira. Por Ruby” (ibidem, p.29). É imprescindível notar o valor que os habitantes de Ruby atribuíam a si mesmos, considerando-se completamente dentro da lei – inclusive da lei divina.

Os “cavaleiros” de Ruby miravam aquilo que acreditavam corromper sua cidade: o Convento e suas moradoras. O local era visto pelos homens de Ruby como uma “(...) mansão [que] flutuava, escura e malévola, desligada do chão de Deus” (ibidem, p.29), enquanto que as

mulheres que lá moravam eram categorizadas como “as putas (...) [que] não precisam de homens e não precisam de Deus” (ibidem, p.317).

Entretanto, o ataque ao Convento e as suas mulheres, justificado com “(...) Deus tinha dado a Ruby uma segunda chance,” (ibidem, p.342), se contrapõe diretamente a uma máxima Bíblica, encontrada em Reis, em que orienta “(...) perdoa o teu povo, que houver pecado contra ti, todas as suas transgressões que houverem cometido contra ti; e move tu à compaixão os que levam cativos para que se compadeçam deles” (ALMEIDA, 1993, 1 Rs, 8:50, p.247).

Ora, ao se comparar o discurso Bíblico às atitudes dos homens de Ruby, comprova-se a disparidade entre aquilo que se prega e aquilo que se realiza, ou seja, suas atitudes ferem as bases religiosas às quais se mantinham tão intensamente atrelados e que tanto buscavam manter intactas.

Controversamente, naquele convento, localizado a 27 km de Ruby, não se encontravam tantas marcas de religiosidade como aquelas as quais conventos geralmente estão associados. O prédio fora construído por um ladrão, sendo adornado com objetos decorativos pouco convencionais e nada religiosos: “os candelabros em forma de torso de mulher pendurados no teto do saguão de entrada (...). As maçanetas em forma de seios. Vagabundos seminus em roupas antigas, bebendo e se acariciando em gravuras enfiadas em armários” (MORRISON, 2004, p.88).

Evidencia-se, por meio da descrição, que aquela construção da forma como fora idealizada, não trazia qualquer adorno relacionado à religião. A transformação da mansão em convento ocorreu quando o imóvel “(...) foi alocad[o] à venda, por uma ninharia” (ibidem, p.88) e “as quatro freiras professoras que se mudaram para [lá] (...) empenhavam-se em anular os ecos óbvios do prazer del[a], mas não conseguiram esconder o seu terror” (ibidem, p.87-8). Ou seja, mesmo buscando camuflar aquelas marcas de perversão sob as quais fora construída, era impossível nulificá-las por completo.

A religiosidade – dúbia por sua instalação – também se mostra duvidosa quando sua finalidade é rompida:

Embora a dotação da mulher rica que fundara e financiara a ordem tivesse sobrevivido aos anos 30, já estava muito diminuída nos anos 50. (...) Fazia já três anos que a escola vinha recebendo dependentes do Estado: garotas despudoradas que achavam que as irmãs eram engraçadas a maior parte do tempo, e sinistras o restante. Duas já tinham fugido, restavam só quatro. A menos que as irmãs conseguissem convencer o Estado a mandar (e pagar por elas) mais garotas indígenas más e transviadas, a ordem era que se preparassem para fechar o estabelecimento e ser realocadas (ibidem, p.261-2).

À medida que o próprio Estado se recusava a manter a Escola Cristo Rei para Meninas Nativas funcionando, o local perdia seu caráter religioso, abrindo espaço à corrupção moral que cerceava o prédio. É imprescindível ressaltar que o fechamento da escola pode sim estar relacionado à sua origem religiosa, já que: “[o] Estado tinha garotas transviadas (...) mas preferia colocá-las em escolas protestantes. As igrejas católicas em Oklahoma eram tão raras quanto peixes” (ibidem, p.262).

É sabido que a religião católica é pouco influente e propagada no território norte-americano e o mesmo acontecia em Ruby, uma “(...) cidadezinha sonolenta com três igrejas a um quilômetro uma da outra (...)” (ibidem, p.22). Tratava-se de três igrejas protestantes – metodista, pentecostal e batista – sendo “(...) os batistas (...) a maior congregação da cidade, além de ser a mais poderosa” (ibidem, p.71).

Voltando ao Convento, o local desativado, como passar dos anos, tornou-se uma espécie de refúgio àquelas que vagavam, sem rumo, por aquela região quase deserta, incomodando muito os habitantes de Ruby. O desejo livrar a cidade do “pecado” era tamanho que mesmo havendo diferenças inconciliáveis entre as congregações da cidade “(...) os membros de todas elas tinham concordado maciçamente com a necessidade (...) [do ataque ao Convento]: o cumprimento de um dever” (ibidem, p.19).

Sob a perspectiva dos homens da cidade aquelas mulheres não eram “(...) mulheres trancadas em segurança, defendidas dos homens, mas, muito pior; mulheres que escolheram a companhia umas das outras, o que vale dizer, não um convento, mas um covil” (ibidem, p.318). Sob tal alegação, sob a justificativa “o cumprimento de um dever”, os homens de Ruby opunham-se completamente àquilo que suas religiões pregavam, como em Mateus, “[i]de, porém, e aprendei o que significa: Misericórdia quero e não holocaustos; pois não vim chamar justos, e sim pecadores [ao arrependimento]” (ALMEIDA, 1993, Mt 9:13, p.9).

Ao destruir o Convento e sacrificar suas moradoras, aqueles religiosos homens se mostraram não misericordiosos, incentivando a violência para refrear aquelas que não se enquadravam à predestinação de sua cidade. Toda aquela fé, aquela crença e aquele apego à religião abre espaço à sentimentos mundanos, violentos e nada cristãos.

Outra evidência da religiosidade visualizada no romance é o emprego de intertextos Bíblicos integrais. Ao apresentar trechos da Bíblia, que são pontualmente citados, reforça-se a ligação entre os fatos narrados e a religiosidade que permeia a sociedade descrita. No momento

narrativo em que se casam dois personagens cruciais na trama – membros de duas das mais notórias famílias de Ruby – há a seguinte menção:

(...) havia pensado em cinco ou seis frases de abertura para o sagrado rito do matrimônio, cuidadosamente composta em torno do Apocalipse 19:7, 9, afiando a imagem da “ceia de casamento do Cordeiro”, desnudando-a para revelar a reconciliação que esse casamento prometia. Do Apocalipse ele foi para Mateus 19:6, “De modo que já não são dois, mas uma só carne”, para selar não só a fidelidade do casal como para renovar as responsabilidades de todos os Morgan e Fleetwood (MORRISON, 2004, p.169).

É importante assinalar que a união entre K. D. Morgan e Arnette Fleetwood representava àquela sociedade naquele momento quase um pacto de paz, já que “Fleet [Arnold Fleetwood] e Jeff, agradecidos e furiosos com essa devoção, dissimularam sua vergonha. Estar em companhia deles [Deacon e Stewart Morgan], sentar a seu lado, era difícil. A conversa, mais difícil ainda” (ibidem, p.73). A situação entre as famílias que outrora fundaram Ruby há muito não era cordial ou respeitosa. Então, a obrigatoriedade da união entre as famílias – já que a menina Fleetwood estava grávida do menino Morgan – poderia simbolizar também a re-união dos clãs, idéia que fica reforçada com as citações que seriam usadas na cerimônia: “De modo que já não são dois, mas uma só carne. Portanto o que Deus ajuntou, não separa o homem” (ALMEIDA, 1993, Mt 19:6, p.19).

Além da idéia de reintegração das famílias, no outro intertexto apresentado há alusão à importância do fato em si, além do prestígio daqueles que a ele assistiram: “Alegremo-nos, exultemos e demos-lhe a glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro (...) Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das Bodas do Cordeiro. E acrescentou: São estas as verdadeiras palavras do Senhor” (ALMEIDA, 1993, Ap 19:7,9, p. 211).

É relevante lembrar que a imagem do cordeiro é associada à imagem de Jesus Cristo, “(...) o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!” (ibidem, Jo 1:29, p. 77). Assim, a “ceia das Bodas do Cordeiro” pode ser interpretada como um momento de rendição, de purificação daquelas famílias que, outrora companheiras romperam laços, tornado-se inimigas. Os “Bem-aventurados”, por sua vez, seriam todos aqueles que testemunharam a trégua imposta pela união. Dessa maneira, todos aqueles que estavam direta ou indiretamente ligados ao casamento assistiam a um momento fortemente relacionado aquilo que se apresenta na Bíblia, reiterando a religiosidade presente no romance.

Em outro intertexto Bíblico, citam-se Jeremias, “antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci, e antes que saísse da madre, te consagrei, e te constituí profeta às nações” (ibidem, Jr 1:5, p. 506), e 1 Coríntios, “agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior destes é o amor” (ibidem, 1 Cor 13:13, p. 143), sob o seguinte contexto:

Era só mais uma bobagem para completar esse casamento bobo que todo mundo achava que era um cessar-fogo. Mas a guerra não era entre os Morgan, os Fleetwood e aqueles que ficavam do lado de uns ou de outros (...). [A] verdadeira guerra não era por causa da vida de um bebê ou por causa da reputação de uma noiva, mas por causa da desobediência (...) (MORRISON, 2004, p.175).

Novamente os dois textos bíblicos comprovam e ilustram o momento narrado – a gravidez de Arnette e a superioridade do amor – que seria a possível salvação das famílias. Confrontando-se os quatro intertextos Bíblicos aqui citados, comprovam-se as mensagens que os trechos buscaram transmitir e, ao fazer uso de textos retirados diretamente das sagradas escrituras, a força desses acontecimentos é intensificada, alcançando patamares não possíveis sem seu emprego. A amplitude da religião fica, então, reforçada quando a autora escolhe por transcrever trechos da Bíblia e associá-los ao cotidiano descrito das personagens.

Assim posto, o pequeno recorte de momentos narrativos em que a religião se faz presente em *Paraíso* é apenas uma amostra de como a linguagem literária produzida no romance é intrinsecamente interligada à linguagem Bíblica e, conseqüentemente, à religiosa.

Ao empregar aspectos religiosos cotidianos na narrativa, Toni Morrison recria uma espécie de retrato religioso da sociedade negra norte-americana, comprovando não apenas a importância da religião na formação de seu povo, mas também a intertextualidade e a interdiscursividade sob a qual o romance foi concebido, ratificando-se os conceitos de intertextualidade e interdiscursividade previamente apresentados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MORRISON, Toni. **Paraíso**. São Paulo: Planeta De Agostini, 2004.

_____. **Paradise**. New York: Alfred A. Knopf, 1998.

- ALMEIDA, João Ferreira de (tradutor). **A Bíblia Sagrada**. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1990.
- _____. **Questões de literatura e estética**. A teoria do romance. São Paulo: Editora Unesp, 1993.
- BOYLE, Kevin e SHEEN, Juliet. **Freedom of religion and belief**. New York & London: Routledge, 1997.
- BROOKEMAN, Christopher. **American culture and society since the 1930s**. London: Macmillan, 1984.
- BUTCHER, Margaret Just. **O negro na cultura americana**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1960.
- Dicionário Brasileiro Inglês-Português**. v I. New Jersey: Prentice Hall, Inc., 1995.
- Dicionário Brasileiro Português-Inglês**. v II. New Jersey: Prentice Hall, Inc., 1995.
- GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Lisboa: Vega, 1995.
- LEPARGNEUR, Hubert. **Destino e identidade**. Campinas: Papirus, 1989.
- MILLER, William. **Readings in American values**. Englewood Cliffs : Prentice-Hall, 1964.
- MUSE, Benjamin. **A luta do negro americano**. Rio de Janeiro: GRD, 1966.
- OBSTAT, NIHIL (dicionário). **Bíblia Sagrada**. Rio de Janeiro: Enciclopaedia Britannica, 1995.
- PETERSON, Nancy J. Introduction: canonizing Toni Morrison. **Modern Fiction Studies**, v 39, 1993. In: PLASA, Carl (Ed.). *Toni Morrison: Beloved*. A reader's guide to essential criticism. New York: Palgrave Macmillan, 1998.
- TOCQUEVILLE, Alexis de. **A emancipação dos escravos**. Campinas: Papirus, 1994.
- ZINN, Howard. **A people's history of the United States**. New York: Harper Perennial Modern Classics, 2005.